

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ISADORA ARAUJO DE SOUZA FERREIRA

MOBILIÁRIO PARA ESPAÇOS COMPACTOS

SÃO PAULO

2013

ISADORA ARAUJO DE SOUZA FERREIRA

MOBILIÁRIO PARA ESPAÇOS COMPACTOS

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica
como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa
desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo do
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador: Prof. Luis Octavio Rocha

SÃO PAULO

2013

RESUMO

A “habitação mínima” propõe desde seu início, uma nova relação entre a moradia e a vida social, com a idéia de cidade tendo sua escala aumentada e abrigando a crescente demanda por moradia. A ideia, tal como foi concebida no ambiente da Bauhaus, pretendia se constituir na condição básica de uma nova sociedade, onde o coletivo e o público prevaleceriam sobre o individual e o privado.

Atualmente, as mudanças comportamentais e a redução do tempo de permanência no mesmo imóvel, implicam na necessidade de mudanças na organização do espaço habitado, nos levam inicialmente a concluir que a maior parte das habitações em uso e as oferecidas pelo mercado, bem como seu equipamentos interiores, são inadequados por responderem a padrões genéricos, não contemplando a diversidade das necessidades de ocupação, uso e organização que a sociedade hoje requer, e a urgência com que estas questões se colocam é hoje muito maior em função da tendência da diminuição da área da habitação na maior parte dos centros urbanos, causada pelo encarecimento do valor do solo.

Para abordar os tópicos que compõem este trabalho de pesquisa, o mesmo encontra-se dividido nas seguintes fases:

- Estudos bibliográficos: entendimento de obras literárias dos campos da arquitetura, do design e da história da industrialização para embasamento teórico para a análise temática.
- Estudos de caso: imagens levantadas e produzidas que darão subsídio para a análise e compreensão da questão do mobiliário como equipamento da habitação.

Palavras-chave: Habitação Compacta. Mobiliário Multifuncional.

ABSTRACT

The "minimal dwelling" proposes since its inception, a new relationship between housing and social life, with the idea of the city having scaled up and housing the growing demand for housing. The idea, as it was designed in the Bauhaus environment, intended to constitute the basic condition of a new society where the collective and the individual prevail over public and private.

Currently, behavioral changes and reduced length of stay in the same property, imply the need for changes in the organization of living space, initially lead us to conclude that the majority of homes in use and those offered by the market, as well as its interior equipment

are inadequate for responding to generic standards do not address the diversity of needs of occupation, use and organization requires that society today, and the urgency with which these issues arise is greater today due to the declining trend in the housing area in most urban centers, caused by the enhancement amount of the soil.

To address the topics that comprise this research, it is divided into the following phases:

- Bibliographic Studies: understanding literary works from the fields of architecture, design and history of industrialization to the theoretical basis for thematic analysis.
- Case studies: raised and produced images that will give allowance for the analysis and understanding of the issue of furniture as equipment housing.

Keywords: Housing Compact. Multifunctional furniture.

1 INTRODUÇÃO

A “habitação mínima” concebida como o que deveria ser um espaço para abrigar as mínimas necessidades existenciais foi, desde seu início pensada como uma unidade de um edifício de habitação coletiva, propondo uma nova relação entre a moradia e a vida social, com a idéia de cidade tendo sua escala aumentada e abrigando a crescente demanda por moradia, onde os edifícios de habitação coletiva são o centro dos diversos serviços e infraestruturas, integrados aos espaços de convivência, seja esta cultural, educacional, esportiva, etc. Já no pequeno apartamento, pensado e medido ergonomicamente para precisas ações e usos, todo e qualquer espaço é efetivamente habitado.

Hoje, a idéia comum que se tem da habitação compacta é dada pelo resultado do que se produziu durante os anos de reconstrução das cidades europeias, após a Segunda Guerra Mundial, como uma estratégia clara da sociedade capitalista para enfrentar sem muito investimento a questão da habitação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: A ESCOLA BAUHAUS

A ideia de habitação compacta, tal como foi concebida no ambiente da Bauhaus, e assumida por Walter Gropius no Congresso Urbanístico de Bruxelas em 1930, pretendia tanto do ponto de vista econômico como construtivo, se constituir na condição básica de uma nova sociedade, onde o coletivo e o público prevaleceriam sobre o individual e o privado.

O cenário político e social europeu, antes e depois da Primeira Guerra Mundial (1914 –

1918) se mistura com o do era da máquina, quando o êxodo dos trabalhadores para os centros urbanos em busca de trabalho no setor fabril e a consequente superlotação dessas áreas num curto espaço de tempo culminaram com o movimento operário em vários países da Europa e a necessidade de novas moradias para a acomodação dessa nova população. A escola de Arquitetura e de Artes Aplicadas, a Bauhaus, criada e dirigida por Gropius em 1919 até 1928, foi decisiva na evolução e desenvolvimento dessa nova modalidade de moradia na qual o principal objetivo constituía em acomodar as multidões em pouco espaço, promovendo moradia para os sobreviventes. Em 1932, nenhum outro país construiu mais habitações populares do que a Alemanha.

Após a inauguração do pequeno bairro de Wiesenhof, em Stuttgart, com a construção de edifícios habitacionais projetados por arquitetos como Mies van der Rohe, Le Corbusier, Peter Behrens, Walter Gropius, Bruno Taut, Hans Scharoun e outros, evidenciou essa transição do método artesanal para o industrial e deixou claro o futuro possível de uma arquitetura nova para uma nova sociedade, além de afirmar os princípios e objetivos da Bauhaus enquanto Escola.

Como a grande maioria dos arquitetos aderiu aos princípios da escola alemã, o produto foi uma forma de moradia social racional, com paredes brancas (as cores eram consideradas burguesas) e mobílias funcionais em aço, tecidos fibrosos e desenhos. Externamente, as construções eram mais uma vez em pintura em tons de brancos, cinzas, beges ou pretos, aplicando mais uma vez as teorias funcionalistas e construídas em concreto, aço, madeira, pedra e vidro, utilizando-se de telhados planos e fachadas livres de detalhes, onde predominavam as linhas horizontais.

Desde o princípio esteve presente na Bauhaus a idéia de estabelecer uma ligação entre o mundo da arte, da produção industrial e do trabalho manual (cada estudante era treinado por 2 professores- um artista e um artesão). Somado a isto, encontrou em sua estrutura pedagógica e nos seus próprios objetivos, o fio condutor de todas as transformações sociais, econômicas e políticas do seu momento e do seu contexto histórico e assim ganharam ênfase as temáticas da indústria, da construção, da habitação popular e do urbanismo.

O SURGIMENTO DA QUESTÃO DO MOBILIÁRIO

A Bauhaus (inversão do termo HAUSBAU, “construção da casa” para “casa da construção”) e seu grupo de arquitetos e artesões- objetivados a aperfeiçoar o design dos

produtos industrializados atinge uma notoriedade que ultrapassa as fronteiras alemãs. A união da arte com a técnica, é a fórmula que resumia o programa de uma vasta exposição em 1923, "Staatliches Bauhaus" e contribui rapidamente a divulgar a escola.

Sua história ficou marcada por três grandes fases: a expressionista, a formal e a fase funcional. A primeira durou de 1919 a 1926 sob direção de Gropius, o qual defendia a união das “belas artes” e das “artes decorativas”, a fim de buscar sua utilidade social, ou seja: propunha a integração da arte e da indústria, servindo-se dos meios de produção industrial para ser uma atividade adequada ao modo de vida do século XX (PROENÇA, 2007).

Desse modo, Gropius e os seguidores da Escola desejavam alterar a face da sociedade, através de uma arquitetura que apelasse ao espírito e à inteligência e exaltasse a modernidade, despojada dos excessos da época Imperial, baseando-se em 3 princípios:

1. direcionamento da nova arquitetura para os trabalhadores
2. rejeição de todos os objetos e adereços burguesas
3. retorno aos princípios clássicos da arquitetura ocidental

E assim como a arquitetura, os objetos da vida cotidiana deveriam possuir, além da qualidade material, a harmonia entre forma e função sem detalhes supérfluos, desse modo caminhando para a fase funcionalista da Escola.

O funcionalismo pode ser entendido como a tendência artística do século XX que defende o princípio de que na arquitetura, na produção de objetos, no urbanismo e no mobiliário, a forma deve ser determinada exclusivamente pela função prática (CARDOSO, 2004). Além disso, deve haver *“a utilização de princípios técnico-físicos e técnico-econômicos, a utilização racional dos meios disponíveis com objetos bem determinados, gastos mínimos para obter rendimento máximo e custos mínimos de fabricação e administração e renúncia à configuração de produtos com influências emocionais”* (LÖBACH, 2007).

Um dos primeiros produtos a emergir nesta etapa, ajudando a consolidar a reputação da escola como uma força de liderança do design industrial foi a cadeira B3, de Marcel Breuer mais tarde conhecida como Cadeira Wassily. *“Foi também um dos primeiros desenhos a explorar o aço tubular, cujos aspectos, tais como força estrutural, leveza, aparência, rígida e elegante, permitiram a criação de móveis em novas e surpreendentes formas”* (DESIGN MUSEUM, 2010).



Figura 1 - Cadeira B3/ WASSILY (Breuer, 1925). Fonte: DESIGN MUSEUM. **Cinquenta cadeiras que mudaram o mundo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.20.

Neste período também se desenvolveu a ideia de módulos no mobiliário que poderiam ser usados separadamente ou de forma combinada para a moradia popular, guarda-roupa rolante para solteiros, acessível dos dois lados, mesas e cadeiras dobráveis.

São usados materiais como tubos de metal cromado, aço, vidro, couro negro, madeira lacada, lona, verga trançada, palha, molas e tiras elásticas. As cores são básicas como na arquitetura e também, o mínimo de elementos visuais.

Já no Brasil, o desenvolvimento moveleiro começa no século XX com uma ruptura com nossos padrões coloniais e timidamente dá-se o início a produção de um mobiliário que busca uma identidade nacional mas, ao mesmo tempo, possui raízes europeias- principalmente da Bauhaus- com formas simples e funcionais. Essa produção, inicialmente pequena, aos poucos cresceu mostrando identidade nacional, com materiais nativos e formas orgânicas e o rompimento com o nosso passado colonial.

Na década de 1940 acontece o ápice das experiências do mobiliário brasileiro, com intensa experimentação de desenho e produção. Nosso período de produção original inicia-se principalmente com as obras de Joaquim Tenreiro, Lina Bo Bardi, Giancarlo Piretti e Bernard Rudofsky, em que se percebe um produto com o espírito moderno e funcional com sua simplicidade no uso de nossos materiais. Foi assim que a partir da década de 1950, a geração composta por Lina Bo Bardi, Joaquim Tenreiro, Sérgio Rodrigues dentre outros influenciaram o desenvolvimento da indústria mobiliária brasileira de qualidade.

3 A HABITAÇÃO COMPACTA NO BRASIL HOJE: A QUESTÃO DO MOBILIÁRIO COMO EQUIPAMENTO

No interior da unidade habitacional, o mercado continua vendendo o velho programa 1, 2, 3 ou 4 dormitórios. Além de status, segurança e etc. A sociedade tem que enfrentar a difícil questão de adequar sua moradia à realidade que vive e que não é contemplada pela oferta imobiliária, ignorando algumas das questões mais importantes e de mudanças na vida social, e que deveriam ser pauta de reflexão para propor alternativas às que são oferecidas até o momento, como:

- O aumento do número de domicílios ocupados por uma só pessoa e por duas pessoas.
- O aumento da expectativa de vida com o envelhecimento da população.
- A incorporação crescente de equipamentos domésticos e eletrônicos.
- A diminuição crescente de domicílios assistidos por empregadas domésticas.
- A tendência crescente de utilizar o próprio domicílio como lugar de trabalho.

Isto sem falar nas mudanças comportamentais e formas de convivência decorrentes da redução do tempo de permanência no mesmo imóvel, consequência das mudanças de local de trabalho e da mobilidade social, além evidentemente, das mudanças ao longo do tempo do número de membros da família.

Essas questões que implicam em necessidade de mudanças na organização do espaço habitado, nos levam inicialmente a concluir que a maior parte das habitações em uso e as oferecidas pelo mercado imobiliário são inadequadas por responderem a padrões genéricos, não contemplando a diversidade das necessidades de ocupação, uso e organização que a sociedade hoje requer, e a urgência com que estas questões se colocam é hoje muito maior em função da tendência da diminuição da área da habitação na maior parte dos centros urbanos, causada pelo encarecimento do valor do solo. As soluções para este problema virão através da redução de espaços de funções especializadas e substituindo-os por espaços adequados para uso multifuncional, otimizando as áreas úteis. Reforçando esta tendência, um aumento da demanda por habitação em função de uma crescente redução da pobreza, uma parcela da população vem acessando o mercado imobiliário, ainda que com orçamentos mais limitados, porém, com necessidades espaciais decorrentes das mudanças sociais em curso.

Um bom exemplo foi a introdução no mercado imobiliário, de um apartamento mais compacto de dois dormitórios, com um terceiro “reversível”: um minúsculo dormitório para a empregada doméstica situado de forma anexa à área de serviço e disposto de modo que, na organização geral da planta, permitia a ligação do ex-dormitório com o corredor da

área íntima, servindo como dormitório de solteiro, escritório, espaço de brincar, etc. Foi um sucesso imobiliário nos lançamentos dos anos 1970 e se mantém até hoje com bom nível de revenda, já que havia no momento uma tendência ao desaparecimento da figura da empregada residente e permitiria o crescimento do núcleo familiar e o uso confortável do apartamento por um tempo maior.

No que se refere à questão do mobiliário enquanto equipamento da unidade habitacional compacta- com cerca de 30 a 50m² úteis- assim como o espaço que o contém, os usuários acabam por se adequar às condições oferecidas pelo mercado em função principalmente dos prazos e dos preços: o mobiliário confeccionado sob medida, tradicionalmente, demanda mais tempo para a entrega para o cliente final e, além de envolver maiores custos, as condições de pagamento também não tornam esta modalidade mais competitiva frente a possibilidade de pagar-se em parcelas a perder de vista- condição oferecida pelas grandes redes moveleiras, sem contar a pronta-entrega.

Entendido que é uma das únicas maneiras que muitas pessoas encontram para mobiliar suas casas, mesmo que o custo final móvel saia bastante caro, o esquema de crediário permite que a mensalidade caiba no bolso da maioria, porém as grandes lojas de móveis, ícones de popularidade do povo brasileiro insistem em móveis nada funcionais e acabam por não atender de forma funcional e estética.

O problema que acarreta a compra desse tipo de equipamento, pronto e padrão, é que as necessidades particulares de cada família ou indivíduo residente além de não serem totalmente atendidas, muitas vezes demandam de um espaço que a habitação não possui- ocupando áreas maiores do que aquelas destinadas à circulação e vivência.

Em visita a uma unidade do Conjunto Habitacional José Bonifácio- no extremo leste da capital paulistana- pudemos observar as seguintes situações:

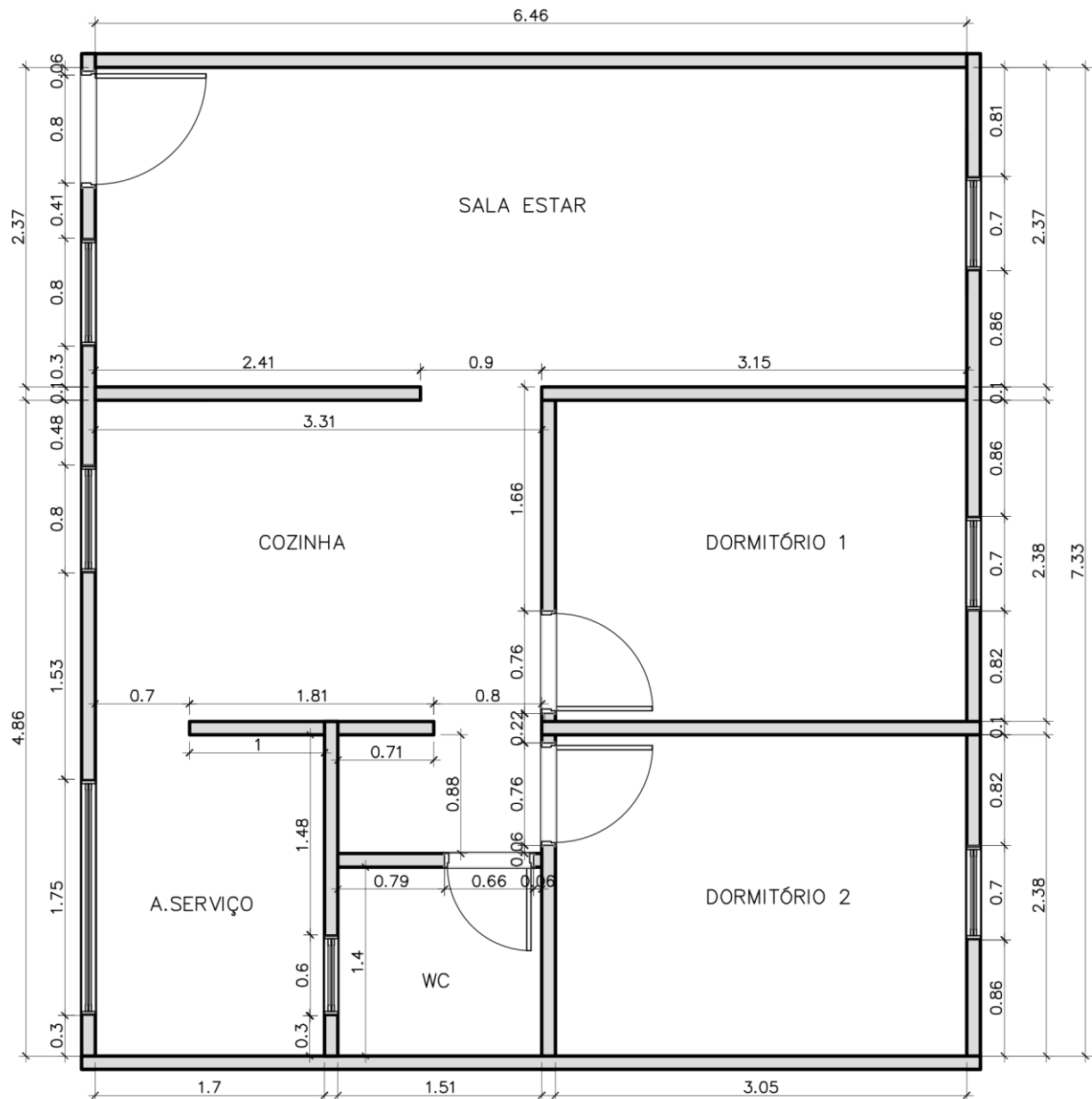


Figura 2 – Planta da unidade habitacional visitada do Conjunto José Bonifácio conforme medidas obtidas *in loco*. São Paulo, 2013.



Figura 3 – Vista da cozinha/ área de serviço da unidade habitacional visitada.
São Paulo, 2013.



Figura 4 – Vista de um dormitório da unidade habitacional visitada.
São Paulo, 2013.



Figura 5 – Vista do outro dormitório da unidade habitacional visitada.
São Paulo, 2013.



Figura 6 – Vista da sala da unidade habitacional visitada- área de jantar. São Paulo, 2013.



Figura 7 – Vista da sala da unidade habitacional visitada- área de trabalho/ estudo.
São Paulo, 2013.



Figura 8 – Vista da sala da unidade habitacional visitada- área de estar. São Paulo, 2013.



Figura 9 – Vista da cozinha da unidade habitacional visitada. São Paulo, 2013.

Para ilustrar este cenário, foram utilizados exemplos de mobiliário à pronta entrega da maior expoente econômica do setor, semelhantes aos encontrados no local estudado, de modo a aproximar-se o máximo possível da realidade enfrentada por estas famílias.

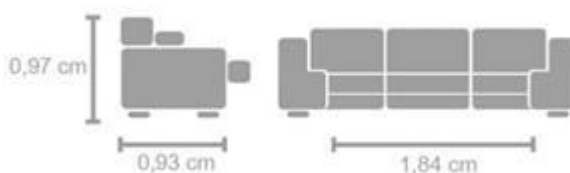


Figura 10 – Exemplo de sofá para 3 lugares e dimensões. Disponível em: <http://www.casasbahia.com.br/Sofa-3-Lugares-Simbal-Ambassy-Premier-Cinza-Preto-1749410.html?resource=busca-int&rectype=busca-320>. Acesso em: 02/09/2013



Figura 11 – Exemplo de rack para tv e dimensões. Disponível em:
<http://www.casasbahia.com.br/Rack-BRV-BR166-49-Tabaco-27275.html?resource=busca-int&rectype=busca-682>. Acesso em: 02/09/2013



Figura 12 – Exemplo de conjunto de gabinete e armários para cozinha. Disponível em:
http://www.casasbahia.com.br/Cozinha-Compacta-Itatiaia-Anita-Smart-com-3-Pecas-Branco-1599236.html?csParam={%22feature%22:%22featured%22,%22source%22:%22search%22,%22recType%22:%22featured%22}&resource=chaordic&rectype=search_featured.
 Acesso em: 02/09/2013

Para aproveitar espaços de pequenos ambientes, os móveis multifuncionais podem ser uma alternativa. Armários e camas embutidos em parede, sofás-camas, já não são novidade- o desafio são os produtos que ultrapassam o convencional para a otimização de espaços.

Com os apartamentos cada vez menores esse tipo de mobiliário deixou de ser um luxo para virar uma necessidade e dessa forma proporcionar uma melhor qualidade de vida para quem vivem em pequenos lares.

Um exemplo é a linha de produtos que uma loja de Nova York nos Estados Unidos, especializada em móveis multifuncionais- a *Resource Furniture*– comercializa: mobiliários não apenas versáteis, mas também leves e de fácil manuseio.

A seguir, estão exemplificados alguns equipamentos multifuncionais, tomando como exemplo, a loja americana. Aumentando-se o número de funções a serem cumpridas por cada equipamento mobiliário, diminuimos a quantidade dos mesmos dentro da habitação e por consequência, obtemos maior espaço para a circulação e a convivência.



Figura 13 – **Poltrona e estante para livros e revistas *Bookseat***. Disponível em: <http://www.resourcefurniture.com/node/539>. Acesso em: 02/09/2013.



Figura 14 – **Mesa *New Table Concept***. Disponível em:
<http://www.resourcefurniture.com/node/532>. Acesso em: 02/09/2013



Figura 15 – **Cadeira e escada *Scala Zero***. Disponível em:
http://www.resourcefurniture.com/seating/dining-chairs/scala_zero. Acesso em:
02/09/2013



Figura 16 – **Beliche Lollipop**. Disponível em: <http://www.resourcefurniture.com/space-savers/bunk-beds/lollipop>. Acesso em: 02/09/2013

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa foi utilizada bibliografia especializada nas áreas da Arquitetura, Design, assim como da História. O resultado da pesquisa bibliografia determinou a estruturação dos módulos.

Pode-se concluir que a configuração prático-funcional dos produtos industriais da Bauhaus baseava-se na teoria estética da redução das formas aos elementos básicos. Esta tendência é favorecida pela forte cooperação com a indústria. Dessa forma as funções estéticas unem-se às funções práticas e a partir de então a produção em série, facilita sua fabricação em maior escala, o que acaba também por diminuir seu valor de custo final.

Para aproveitar espaços de pequenos ambientes, os móveis multifuncionais podem ser uma alternativa. para apartamentos cada vez menores. É necessário que se desenvolva design para a fabricação em larga escala desse tipo de equipamento, de maneira a baratear seu custo e torna-lo mais acessível.

REFERÊNCIAS

- ARNOULT, Michel. **Design e industrialização de móveis**. Vídeo disponível em: <http://www.fau.usp.br/intermeios/pagina.php?id=38> .Acesso em 20/05/2013.
- BONDUSKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**.
- CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design**. São Paulo, Edgard Blücher, 2004.
- CARMEL-ARTHUR, J. **Bauhaus**. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2001.
- Casas Bahia**. Disponível em: <http://www.casasbahia.com.br/>. Acesso em: 02/09/2013.
- DESIGN MUSEUM. **Cinquenta cadeiras que mudaram o mundo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DROSTE, M. **Bauhaus**. Berlim: Editora Taschen, 2006.
- DUARTE, Fábio. **Arquitetura e tecnologias de informação: da revolução industrial à revolução digital**.
- FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. **Design do Século XX**. Hong Kong: Taschen, 2005.
- GALFETTI, Gustau. **Pisos piloto: model apartments**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1997.
- FOLZ, Rosana. **Mobiliário na habitação popular**. Tese de mestrado disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-09052005-115714/pt-br.php>. Acesso em 21/02/2013.
- GIRARD Xavier, **Le Bauhaus** ,Paris, France, Éditions Assouline, 1999.
- LOBACH, Bernd. **Design Industrial**. Blucher, 2011.
- MORAIS, Roberta**. Intervenção do designer de interiores em pequenos espaços habitacionais.
- Resource Furniture**. Disponível em: <http://www.resourcefurniture.com/>. Acesso em: 16/07/2013.
- STRICKLAND, Carol. **Arquitetura Comentada: Uma breve viagem pela História da Arquitetura**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2003.
- TRAMONTANO, Marcelo. **Habitação urbana no Japão, um breve olhar**. Publicação NOMADS-USP disponível em: http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/T0405-habitacao_urbana_japao.pdf. Acesso em 21/02/2013.
- WOLFE, T. **Da Bauhaus ao nosso caos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1990.
- Cortiços: a experiência de São Paulo**

